

# O defunto autor na correspondência de Machado de Assis

## Ethos, retórica e narrador ficcional

Luciana Antonini Schoeps<sup>1</sup>

O FAMOSO CAPÍTULO CLX, intitulado “Das negativas”, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, resume bem não apenas o aspecto corrosivo da escritura literária de Machado de Assis, mas também o efeito de leitura advindo de sua correspondência. Vários são os críticos que sublinharam a falta de interesse na leitura desse conjunto epistolar,<sup>2</sup> seja pela inexistência de informações biográficas relevantes, seja pela não literariedade das cartas, conforme ressalta Antonio Candido, para quem as cartas machadianas “não são *textos* do ponto de vista literário, [...] jamais pode[ndo] constituir uma *obra* como são a de Flaubert ou a de Mário de Andrade”,<sup>3</sup> ou pela relativa parca descrição e/ou comentários referentes a procedimentos escriturais ou processos de criação, o que transformaria esse conjunto de missivas em mais um capítulo de negativas, tal como define Hélio de Seixas Guimarães.<sup>4</sup>

Assim, as missivas machadianas revelam-se pouco atraentes diante de uma leitura que perscrute a correspondência de um escritor como documento ocultador de alguma verdade unívoca, seja ela referente à vida do autor, a sua intenção no que concerne à obra ou a algum fato encarado como “real”, postura crítica que implicaria a desconsideração da existência de uma possível construção de si e da presença do imaginário nas cartas.<sup>5</sup> Isso porque elas pouco ou nada de novo dizem, afirmativa válida, inclusive, para os primeiros leitores de suas cartas, seus destinatários primeiros, uma vez que a postura machadiana nessa modalidade de escrita de si foi a de conformar-se a seu interlocutor, pouco acrescentando ao que esse esperava que lhe fosse dito.<sup>6</sup> Dessa forma,

---

<sup>1</sup> Universidade São Paulo – USP/FAPESP. E-mail: lucianaschoeps@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Cf. os trabalhos de Moraes e Boaventura (MORAES, M. A. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em Linha*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 88-111, 2011. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero07/num07artigo06.pdf>>. Acesso em: 04 fev 2013; BOAVENTURA, C. T. Machado de Assis e José Veríssimo: aspectos da correspondência entre o escritor e o crítico. In: *Teresa. Revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 8-9, p. 101-117, 2008).

<sup>3</sup> CANDIDO, A. Nota inicial. In: ASSIS, M. *Empréstimo de ouro: cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Org. Eduardo F. Coutinho e Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009, p. 11.

<sup>4</sup> “A correspondência de Machado de Assis pode ser lida como um enorme capítulo de negativas [...]. *Boa parte da correspondência é protocolar*” (GUIMARÃES, H. S. Novas faces de uma figura prismática. In: *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 26, n. 76, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v26n76/34.pdf>>. Acesso em: 09 abr 2013, p. 397, grifos nossos).

<sup>5</sup> Essas são as duas precauções a serem tomadas, segundo Luiz Neves, em uma análise que contemple a carta como “fonte histórica”, isto é, como um documento: “Para um tratamento acadêmico das cartas, enquanto ‘fonte’ histórica, é preciso evitar especialmente duas falácias. A primeira identificaria a ‘autoria’ da carta a uma ideia de sujeito ‘livre e instaurador de si’. A segunda identifica carta a *verismo*, a realismo ou naturalismo, em um exercício de expulsão necessária da carta de todo imaginário (como se este fosse ‘fonte’ de deformação e/ou falsidade histórica)” (NEVES, L. F. B. Para uma teoria da carta. In: \_\_\_\_\_. *As máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p. 192).

<sup>6</sup> “E de fato ocorre que, nas cartas, Machado parecia não pretender “contar” fatos, e curiosamente os que ele narra já são de domínio público; resumia-se em repetir, algumas vezes lhes imprimindo um tom pessoal, outras constituindo uma respeitável confirmação das expectativas dos destinatários” (RIBAS, M. C. C. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; 7 Letras, 2008, p. 40).

constrói-se não apenas um conteúdo previsível, mas também uma imagem do autor ou um *ethos* conformado com a expectativa de seu leitor primeiro.<sup>7</sup>

Segundo aponta o estudo crítico de Maria Cristina Cardoso Ribas, no qual o missivista é amplamente correlacionado ao narrador machadiano, numa relação paradoxal de aproximação e afastamento, Machado de Assis pouco diz sobre si, sobre sua vida, sobre sua obra ou sobre assuntos de seu tempo, construindo uma correspondência que não se quer mantenedora de uma comunicação que vise a transmissão de uma dada mensagem, mas uma comunicação que se mantém apenas para construir e selar, através das missivas, uma dada confraria, traduzida na sustentação de laços produtores de uma sociabilidade literária<sup>8</sup> ou de uma aliança de amizade cunhada em torno do relato cotidiano dos achaques e males do corpo adoecido. Esse último caso é observado, sobretudo, na troca epistolar com Mário de Alencar, na qual o relato cotidiano da doença serve menos à construção de um diário autobiográfico que a uma comunhão com o outro, com o interlocutor,<sup>9</sup> do qual paradoxalmente se mantém afastado tanto pela troca epistolar como pela doença, através da qual seu corpo fala nas cartas, tal como Proust se aparta do outro por meio de sua “palavra-doença” inscrita nas missivas que não pretendem mais comunicar novidades sobre seus males:

Ses lettres [de Proust] ont souvent quelque chose de purement formel: il écrit pour dire que son corps lui permet à peine d'écrire, comme s'il avait déjà un pied dans l'au-delà. La maladie est ce dont il parle, mais elle est aussi ce par quoi il est parlé: à s'écrire, ses maux deviennent autant de mots-maladies.<sup>10</sup>

Ao se desvincularem de uma função comunicativa da linguagem, as cartas de Machado colocam-se na esteira do que Ribas relaciona ao aspecto intransitivo da literatura e da linguagem, a um “contar sem objeto”,<sup>11</sup> já que a correspondência do autor valeria menos pelo que diz que pelo fato de dar lugar ao nascimento de uma escritura: “Se não vamos encontrar nas cartas segredos inconfessáveis, o que esperar? Talvez aqui, neste pequeno livro, o leitor não encontre nada – a não ser o seu próprio (não-) lugar. É quando sobressai a proposta barthesiana: à morte do autor sobrevém o nascimento da escritura”,<sup>12</sup> tal como se pontua em “La mort de l'auteur”.<sup>13</sup>

---

<sup>7</sup> “É certo que a escrita decorosa, contida, sem dúvida amaneirada das cartas constitui uma das dependências menos atraentes do texto machadiano. Sequência de sorrisos mais ou menos amarelos e ademanos bem educados, buscavam corresponder à imagem que o próprio acreditava os outros esperassem dele” (EULÁLIO, A. Em torno de uma carta. In: \_\_\_\_\_. *Livro involuntário: literatura, história, matéria e modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993, p. 208).

<sup>8</sup> O aspecto da sociabilidade nas missivas de Machado, permitindo nelas entrever a constituição de um sistema literário brasileiro, foi abordado por Faria, Boaventura, Zilberman e Malatian (FARIA, J. R. Alencar e Machado: breve diálogo epistolar. In: GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B. (orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 129-136; BOAVENTURA, C. T. Op. cit.; ZILBERMAN, R. Privacidade exposta. In: *Teresa. Revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 8-9, p. 84-100, 2008; MALATIAN, T. Diplomacia e Letras na Correspondência Acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima. In: *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 377-92, 1999. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2102/1241>>. Acesso em: 09 abr 2013).

<sup>9</sup> O tema do corpo, sob um viés de análise que nega a autobiografia estrita, foi abordado por Maria Helena Werneck (“Veja como ando grego, meu amigo.” Os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B. (orgs.). Op. cit., p. 137-145 e Cartas não são para rasgar: a força criadora nas formas da intimidade. In: \_\_\_\_\_. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996, p. 231-237).

<sup>10</sup> KAUFMANN, V. *L'équivoque épistolaire*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990, p. 32.

<sup>11</sup> RIBAS, M. C. C. Op. cit., p. 40.

<sup>12</sup> Ibiem, p. 46.

<sup>13</sup> BARTHES, R. La mort de l'auteur. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes. Tome III*. Paris: Seuil, 2002 [1968], p. 40-5.

Essa intransitividade da literatura, operada a partir de um afastamento com relação a uma referencialidade possível da linguagem, seria o motor do alheamento da origem da voz, propiciadora da morte do autor e do advento da escritura, conforme aponta a obra barthesiana, desde seu livro inaugural, *Le degré zéro de l'écriture*, no qual o autor postula a ideia de uma literatura que, em vez de transmitir uma mensagem ou de representar uma referencialidade empírica, se coloca como literatura-objeto, por meio de uma reflexão em torno da linguagem e da própria literatura. Barthes localiza essa literatura justamente em meados do século XIX com o surgimento da escritura, advinda de uma ruptura com a escrita burguesa e com a retórica, cujo marco estaria na obra flaubertiana: "L'écriture classique a donc éclaté et la Littérature entière, de Flaubert à nos jours, est devenue une problématique du langage. C'est à ce moment même que la Littérature (le mot est né peu de temps avant) a été consacrée définitivement comme un objet".<sup>14</sup>

Retomando a intransitividade das cartas de Machado, que pouco ou nada acrescentam àquilo que seus interlocutores já sabem, observamos que o ajustamento à expectativa do outro vai além de um aspecto puramente temático. Nesse sentido, poderíamos dizer que até mesmo o estilo discursivo empregado nas cartas, além de conformar-se ao bom-tom socialmente aceito, é enformado pelo que o autor julga ser esperado de seu interlocutor. É o que podemos perceber na leitura cruzada entre a correspondência ativa e passiva, na qual observamos em alguns casos semelhanças no estilo de escrita empregado pelos carteadores, como se Machado quisesse imitar os recursos retóricos e estilísticos de seu correspondente, aspecto notado na troca epistolar com Caetano Filgueiras, nas cartas que figuraram como prefácio e posfácio à publicação das *Crisálidas*:<sup>15</sup>

[...] Crisálida é ninfa, é princípio de transformação, aurora da existência, semente de formosura... e os versos de Machado de Assis são gemas cintilantes, vida espalmada, flores e sorrisos. Na mortalha informe e incolor do casulo a graça está em problema, o movimento em risco: os versos de Machado de Assis só guardaram de ninfa a beleza e o dom da aereidade! São fúlgidas borboletas que adejam sobre todas as flores da alma, revelando a quem as contempla a perfeição da criatura e o gênio do criador. Não são, pois, crisálidas; se o fossem não seria o autor poeta, e Machado de Assis, leitor, é poeta! [...]

Sua alma é um cadinho onde se apuram eflúvios derramados pela natureza. Produz versos como a harpa Eólia produzia sons: – canta e suspira como a garganta do vale em noites de verão; pinta e descreve, como a face espelhada da lagoa o Céu dos nossos sertões. E não lhe pergunteis por que: não saberia responder-vos. Se insistísseis... parodiar-vos-ia a epígrafe da sua –Sinhá–, o versículo do Cântico dos Cânticos, e no tom da maior ingenuidade, dir-vos-ia: – a minha poesia... é como o óleo derramado! [...] [Carta de Caetano Filgueiras, 22-07-1864]<sup>16</sup>

Vai longe esse tempo. Guardo a lembrança dele, tão viva como a saudade que ainda sinto, mas já sem aquelas ilusões que o tornavam tão doce ao nosso espírito. O tempo não corre em vão para os que desde o berço foram condenados ao duelo infausto entre a aspiração e a realidade. Cada ano foi uma lufada que desprende da árvore da mocidade, não só uma alma querida, como uma ilusão consoladora.

<sup>14</sup> BARTHES, R. *Le degré zéro de l'écriture, suivi de Nouveaux essais critiques*. Paris: Seuil, 1953, 1972, p. 10.

<sup>15</sup> Nos excertos das missivas, todas as sublinhas são nossas, reservando-se os itálicos para os grifos dos autores das cartas.

<sup>16</sup> ASSIS, M. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo I – 1860-1869*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; ABL, 2008, p. 51-2.

[...] Foste além: – traduziste para o papel as tuas impressões que eu, – mesmo despedido desta modéstia oficial dos preâmbulos e dos epílogos, – não posso deixar de aceitar como parciais e filhas do coração.

[...] O meu livro é esse pouco que tu caracterizaste tão bem, atribuindo os meus versos a um desejo secreto de expansão; não curo de escolas ou teorias; no culto das musas não sou um sacerdote, sou um fiel obscuro da vasta multidão dos fiéis. Tal sou eu, tal deve ser apreciado o meu livro; nem mais, nem menos. [...]

Não incluí neste volume todos os meus versos. Faltou-me o tempo para coligir e corrigir muitos deles, filhos das primeiras incertezas [...] [Carta a Caetano Filgueiras, 01-09-1864].<sup>17</sup>

Mesmo tratando-se de cartas-abertas, deslocando as missivas para além do foro íntimo, observamos o emprego de um estilo grandiloquente, com comparações e imagens de forte cunho romântico e helenístico, tecidas para elogiar o livro de poemas de Machado – caso da carta de Filgueiras, espécie de crítica ao livro *Crisálidas* – ou para agradecer as palavras do correspondente – caso da carta-posfácio de Machado. A retórica do elogio esbaldado, com o uso de uma linguagem e ornatos bem trabalhados, empregada com maestria por Caetano Filgueiras, parece ser uma constante na retórica da época, visto elementos semelhantes aos encontrados nessas missivas serem observáveis em várias outras cartas da correspondência machadiana, ativa e passiva, mormente no tocante às comparações imagéticas de teor romântico, presentes, sobretudo, nas cartas das décadas iniciais da produção do autor, nos anos de 1860 e 1870, nos quais a voga romântica ainda estava em alta. Assim, coletamos ao longo da correspondência a presença desse tom retórico elevado em inúmeros excertos da correspondência passiva, tais como:

É tese axiomatática (concede-me o termo) que os poetas, como tu, que têm no peito um vulcão, não podem ter a constância, ela teme muito as erupções sentimentais: admira-me que o Etna que tens se conservasse quatro dias sem fogo [Carta de Sizenando Nabuco, 24-04-1864];<sup>18</sup>

Soube hoje também que o meu antecessor, ferido no seu orgulho de ser expelido do lugar que ocupo, como o chefe dos insolentes e o tipo angélico da maldade, quer em miseráveis pasquins lançar-me a lava do seu ódio e despeito [Carta de Nuno Álvares Pereira e Sousa, 19-07-1866];<sup>19</sup>

A revolução do gosto, do bom, do belo, contra o mau, o estúpido e o indecente. Parece fácil e é difícil como os trabalhos de Hércules! Dou-te os meus parabéns. Dou os parabéns ao Furtado, o profeta do futuro da arte! [Carta de Ferreira Meneses, 18-09-1966];<sup>20</sup>

[...] estas letras escritas muito às pressas e com muito trabalho, [por]que é, [-] desculpa-me a expressão –, uma nesga da manhã roubada ao sono semirrestaurador das minhas forças quase esgotadas num estudo que ou me dará as palmas da vitória ou

<sup>17</sup> Ibidem, p. 67-68.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 149.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 164.

o sono eterno do além-túmulo, vá [lá,] em estremecções e sacudidelas de nervos estes protestos tumulares [Carta de Artur de Oliveira, 31-01-1870];<sup>21</sup>  
[...] previa que o livro era para outro gênero de leitores, que não os do Rio de Janeiro, cujo paladar não encontra sabor senão nas leituras envenenadas da sífilis estragadora do gosto, e da moral! [Carta de Monsenhor Pinto de Campos, 18-08-1880].<sup>22</sup>

E, em menor quantidade, na correspondência ativa:

E vossa excelência não poderá contestar que a nossa sociedade está afetada do flagelo da indiferença [Carta aberta ao Bispo do Rio de Janeiro, 18-04-1862];<sup>23</sup>  
Os trabalhos do ministro não cansaram o poeta; as musas que o esperavam, receberam-no amantes e dóceis, e uma coroa de louros substituiu o chapéu ministerial [Carta aberta a José Feliciano de Castilho, 15-08-1865];<sup>24</sup>  
Homens, em cujos ombros pesam cuidados de outra ordem e vária espécie, deram a esse grêmio o melhor das afeições, a devoção do espírito, e um zelo que, se alguma vez afrouxou, não morreu nunca, nem lhe entrou o desalento, e a prova é que do tronco pujante brotam novos galhos, onde circula a mesma vida, de onde penderão frutos de saúde, que incitarão a outros, e ainda a outros [Carta aberta a Um Amigo [Luís de Faro], 06-1884].<sup>25</sup>

Nota-se na passagem dos anos o declínio da presença dessas imagens românticas, mas a permanência de expressões que denotam ainda o cultivo de uma linguagem mais empolada, tanto nas missivas dos correspondentes como nas de Machado, o que apontaria para a existência de uma preocupação em cultivar um tom próprio às missivas, em consonância aos preceitos epistolares da época, divulgados pelos secretários e manuais epistolares que, apesar de advogarem a naturalidade do estilo, não refutavam o cuidado com a linguagem e sua adequação com o interlocutor e o assunto tratado, tal como vemos no *Novo Secretário Português*:

A linguagem e o tom hão de ser familiares naquelle gráo que corresponda à maior ou menor importancia do assumpto sobre que versa a correspondencia, e à maior ou menor dignidade da pessoa a quem se dirige a carta [...]. A singeleza, a naturalidade, e o tom familiar que nas cartas se deve ter não que [sic] dizer um total descuido e desalinho. Deve-se pôr toda a attenção no estylo, ainda que se escreva ao amigo mais intimo, escrevendo sempre com pureza e correccão, e evitando expressões baixas e triviaes [...].<sup>26</sup>

<sup>21</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo II – 1870-1889*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. 5.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 183.

<sup>23</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo I – 1860-1869*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; ABL, 2008, p. 9.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 112.

<sup>25</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo II – 1870-1889*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. 273.

<sup>26</sup> ROQUETTE, Pe. J. I. *Novo secretário português ou Código epistolar*. Paris: Aillaud, Monlon et cie, 1860 [1846], p. 21-22.

No tocante a determinado estilo elevado, observamos ainda a presença duradoura ao longo de todo o conjunto de missivas do que poderíamos denominar de retórica do elogio,<sup>27</sup> ou seja, lugares-comuns, frases de efeito, imagens elevadas, adjetivações quase que abstratas e tom grandiloquente para caracterizar e elevar o outro. Esse juízo visa mais a exaltar o interlocutor – mesmo que às custas de um discurso vazio e permeado de clichês – que a tecer uma crítica apurada, aspecto observado sobretudo quando se é instado a comentar acerca da produção literária do correspondente, conforme se nota nos exemplos da correspondência passiva:

A tua crítica cerrada, serena, forte, é de um grande poder para nós, os poucos que ainda acreditamos no ideal, essa alma da arte, esse passaporte dos poetas, que pensam em seguir viagem à posteridade, de preferência aos alcouces. Desculpa a frase mais ou menos empolada, e tratemos de coisas mais ao rés da vida [Carta de Luís Guimarães Júnior, 24-06-1878];<sup>28</sup>

Que chegue a ser ainda o nosso Anacreonte, de cabelos alvos e espírito jovem sempre, eis o que desejo e auguro, para satisfação nossa e glória das letras, que são hoje no Brasil, já não digo a melhor coisa, mas a única digna do nosso culto [Carta de Magalhães de Azeredo, 24-06-1894];<sup>29</sup>

Queira o meu governo proteger-me e dentre os meus volumes amados, [...] um terá a glória infinita de levar no frontispício o vosso nome como nas idades heroicas os escudos dos bravos levavam, para proteção, um símbolo da divindade propícia [Carta de Coelho Neto, 19-08-1895];<sup>30</sup>

[...] li, relendo e readmirando muitas frases, o seu adorável *Dom Casmurro* [...]. Que achados de estilo, meu querido Mestre! que pureza cristalina da forma! que singeleza desesperadora [Carta de Lúcio de Mendonça, 7-04-1900].<sup>31</sup>

Embora também em menor número, percebemos alguns desses casos na correspondência ativa de Machado:

De longe, e há muito, admirava o seu talento vivaz e brilhante. Era, porém, uma homenagem do espírito. Fala-lhe agora a voz do coração [Carta a Julio César Machado, 23-07-1871];<sup>32</sup>

Agradeço-lhe de coração as suas palavras, ao mesmo tempo que me desvaneço de as ler tão cálidas e espontâneas [Carta a Sílvia Dinarte, 07-10-1886];<sup>33</sup>

<sup>27</sup> Marília Cardoso também aponta para a presença de frases de efeito elogiosas na escrita epistolar machadiana: “Em vez de entediarse – possivelmente com razão – diante dos versos do poeta jovem [Magalhães de Azeredo], como Bento Santiago, Machado, ele mesmo, abre mão do rigor crítico que produziu Santiago e seu discurso e, para não parecer ‘casmurro’, profere louvores gratuitos, apoiando-se em frases de efeito, como ‘a mocidade é de si mesma a poesia’” (CARDOSO, M. R. Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis. In: *O eixo e a roda. Revista de literatura brasileira*, Belo Horizonte, v. 4, p. 59-70, 1985, p. 63).

<sup>28</sup> ASSIS, M. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo II – 1870-1889*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. 140.

<sup>29</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo III – 1890-1900*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011, p. 43.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 106.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 464.

<sup>32</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo II – 1870-1889*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. 34.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 322.

[...] fi-la [a leitura], entretanto, o bastante para ver que há [no livro *Vaidades*] notas de vigor e rasgos de colorido, surtos altos ao par de descuidos a que o autor de si mesmo acabará fugindo [Carta a Batista Cepellos, 30-07-1908].<sup>34</sup>

Acerca desse aspecto retórico, o que nos interessa aqui é apontar a possível existência de um determinado estilo grandiloquente, seja ele de viés romântico ou não, próprio à linguagem empregada nas missivas oitocentistas. Essa retórica constituiria uma prática de escrita da qual Machado não se furtou, visto que, sobretudo em suas cartas mais antigas, ele não apenas lança mão do “estilo” socialmente validado, mas emprega também o mesmo “tom” de seu correspondente, caso observado em algumas outras trocas epistolares,<sup>35</sup> dando-lhe a ler um estilo bem ao seu gosto, como se o autor quisesse que suas cartas parecessem “perfeitamente integradas à farsa do jogo social de que participavam”.<sup>36</sup> Machado mostra manejar com perfeição a retórica da época, literalmente “jogando” com cada interlocutor, mimetizando seu estilo e empregando clichês para, talvez com uma boa dose de ironia, parecer compactuar com uma prática de escrita da qual pretende, na verdade, afastar-se, tal como se percebe em sua corrosiva escrita ficcional, deixando entrever nas cartas, segundo pontua Maria Cristina Ribas:

[o] velho Machado, cujas máscaras ficcionais desdobram-se continuamente em um narrador cheio de artimanhas, um mestre da retórica que emprega a própria retórica para desmascará-la, sobretudo quando esta se traduz nas formas pomposas e vazias da eloquência bacharelesca com seu ornato helênico, seu culto ao improvisado e à auditividade, enfim, quando se configura em um mero instrumento de projeção social.<sup>37</sup>

Assim, parece ser possível ler na chave da ironia a presença nas missivas do emprego de uma linguagem castiça, com imagens bem trabalhadas. Isso demonstraria uma aparente conformação com o discurso vigente, operada com vistas a questioná-lo de dentro de determinada prática de escrita, levando a uma tensão corrosiva com a retórica, tal como o autor parece ter empreendido em seus romances românticos que lançavam mão dos recursos estilísticos melodramáticos para sutilmente frustrá-los, conforme aponta Hélio de Seixas Guimarães:

Em comum [em *Ressurreição* e *A mão e a luva*], temos narradores que lançam mão dos esquemas e preceitos dominantes para demonstrar sua artificialidade e impropriedade, minando alguns procedimentos do romantismo desde dentro e procurando transformar o leitor, se não num anti-romântico, pelo menos num receptor crítico da literatura romântica.<sup>38</sup>

<sup>34</sup> Idem. Epistolário. *Obra Completa de Machado de Assis. Vol. III*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, p. 1093.

<sup>35</sup> Remetemos nosso leitor a outros casos de cartas abertas, como a famosa troca epistolar com Alencar, na qual Machado igualmente se exercita na construção de imagens românticas à altura das de seu interlocutor, e a troca com Faustino Xavier de Novais (Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo I – 1860-1869*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; ABL, 2008, p. 224-232 e p. 232-242; p. 242-249 e p. 250-255).

<sup>36</sup> CARDOSO, M. R. Op. cit., p. 61.

<sup>37</sup> RIBAS, M. C. C. Op. cit., p. 33.

<sup>38</sup> GUIMARÃES, H. S. *Os leitores de Machado de Assis. O romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin, Edusp, 2004, p. 126.

Nesse sentido, pode-se ler uma sutil ironia operada por Machado não apenas nos dois romances citados por Guimarães, mas em toda a chamada primeira fase, na medida em que os recursos e enredos melodramáticos empregados pela narrativa aparecem por vezes de maneira ambígua. Isso pode ser notado nos vários momentos em que clichês românticos são aventados para descrever as situações vividas pelas personagens, de forma não a elevar a narrativa, mas a ironizar esses próprios procedimentos, como no trecho abaixo, de *Helena*:

*A beleza dolorida é dos mais patéticos espetáculos que a natureza e a fortuna podem oferecer à contemplação do homem. Helena torcia-se no leito como se todos os ventos do infortúnio se houvessem desencadeado sobre ela. Em vão tentava abafar os soluços, cravando os dentes no travesseiro. Gemia, intercortava o pranto com exclamações soltas, enrolava no pescoço os cabelos deslaçados pela violência da aflição, buscando na morte o mais pronto dos remédios. Colérica, rompeu com as mãos o corpinho do vestido; e o jovem seio, livre de sua casta prisão, pendeu à larga desafogar-se dos suspiros que o enchiam. Chorou muito; chorou todas as lágrimas poupadas durante aqueles meses plácidos e felizes, leite da alma com que fez calar a pouco e pouco os vagidos de sua dor.*<sup>39</sup>

Nesse excerto, notamos a dubiedade das imagens inseridas na narrativa, que bem ao gosto romântico descrevem o sentimento interior da personagem com termos, adjetivos e metáforas de roupagem lexical elevada que visam a hiperbolizar o *pathos* daquele que sofre. Apesar de românticas, não podemos deixar de notar o ridículo dessas imagens, cujo efeito irônico é sublinhado principalmente pelo contraste entre tais imagens e o comentário do narrador, que de antemão desqualifica o sentimento de Helena, rotulando-o como patético, tornando dúbia a leitura do excerto como uma descrição totalmente aderida aos pressupostos românticos e abrindo-se a possibilidade de lê-la numa chave irônica. Assim, mostrando a tensão com os recursos dos quais as narrativas fazem uso, nos romances da chamada primeira fase percebemos em alguns momentos o advento de uma voz, possivelmente identificável à do narrador, que desqualifica os melodramas românticos, como nessa outra passagem do mesmo romance:

Na seguinte manhã, Estácio levantou-se tarde e foi direito à sala de jantar, onde encontrou D. Úrsula, pachorrentamente sentada na poltrona de seu uso, ao pé de uma janela, a ler um tomo do *Saint-Clair das Ilhas*, *enternecida pela centésima vez com as tristezas dos desterrados da ilha da Barra; boa gente e moralíssimo livro, ainda que enfadonho e maçudo, como outros de seu tempo*. Com ele matavam as matronas daquela quadra muitas horas compridas do inverno, com ele se encheu muito serão pacífico, com ele se *desafogou o coração de muita lágrima sobressalente*.<sup>40</sup>

Nesse excerto, ao colocar um discurso melodramático como “enfadonho e maçudo”, o narrador desestabiliza uma possível adesão aos recursos românticos que a própria ficção faz uso, rebaixando o “enternecimento” da personagem leitora e o desafogar de “lágrima sobressalente” daqueles que se identificam com essa leitura, o que nos poderia levar a considerar que as semelhantes imagens empregadas para descrever o sofrimento de Helena, no trecho anteriormente citado, servem também para desqualificar a personagem. Movimento semelhante pode ser igualmente contemplado em *A mão e a luva*:

<sup>39</sup> ASSIS, Machado de. *Helena*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977 [1876], p. 128.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 65.

Guiomar refletiu ainda muito e muito, e não refletiu só, devaneou também, soltando o pano todo a essa *veleira escuna da imaginação*, em que todos navegamos alguma vez na vida, quando nos cansa a terra firme e dura, e chama-nos o mar vasto e sem praias. A *imaginação dela porém não era doentia, nem romântica, nem piegas*, nem lhe dava para *ir colher flores em regiões selváticas* ou *adormecer à beira de lagos azuis*. Nada disso era nem fazia; e por mais longe que velejasse levaria entranhadas na alma as lembranças da terra.<sup>41</sup>

Novamente, vemos que Machado, apesar de empregar a retórica romântica, tenta questioná-la por meio de uma desqualificação de seus procedimentos, minando o discurso melodramático de dentro do próprio melodrama. Aqui, as imagens patentemente elevadas e de tom quase grandiloquente, tais como “ir colher flores em regiões selváticas” e “adormecer à beira de lagos azuis”, são negadas pelo narrador, que as afasta da imaginação de Guiomar e ostensivamente as classifica como “romântica” e “piegas”, mostrando que a mesma imagem que aparece na boca do narrador é, também, rebaixada e desacreditada pela voz narrativa.

Dessa forma, tensionando o emprego da retórica enquanto padrão de escrita socialmente aceito, Machado não opera propriamente uma ruptura com esta, mas um questionamento interno muito mais contundente, fazendo-nos entrever o nascimento da escritura através de um questionamento acerca do que é considerado legítimo enquanto prática de escrita, questionando os usos da própria linguagem. Reencontramos, por vias mais tortuosas, a conceituação barthesiana da problemática em torno da linguagem e da literatura que se torna objeto da própria literatura, no sentido de esta questionar suas próprias bases, ou seja, suas próprias condições de enunciabilidade e de legibilidade. A ruptura com a retórica em Machado se dá, portanto, de forma enviesada, sublinhando-se as tensões subjacentes às práticas de escrita.

Nesse sentido, talvez fizesse mais sentido olhar para a correspondência machadiana como um texto que se coloca, de alguma forma, do lado da escritura literária, isto é, de um discurso já descolado de uma função prática, de uma comunicabilidade possível, e, portanto, mais próximo de um discurso construído, manipulado, apresentando já características de um discurso ficcional que se autoquestiona, que reflete de forma crítica acerca da linguagem, requerendo para si uma determinada função estética de fruição que vá além da função primeira de corresponder-se com o outro.

No entanto, conforme apontamos acima, a escrita epistolar de Machado, ao retrair-se num capítulo de negativas, acaba por constituir uma correspondência protocolar, o que pouco ou nada propiciaria uma abertura para o poético, para a literariedade. O que nos pareceria interessante indagar nessas cartas seria justamente de que forma esse aspecto protocolar e retórico – que, como vimos, não parece ser ingênuo – poderia cooperar justamente para o advento de um efeito de leitura encontrado nas missivas, a saber, a construção de uma imagem de um narrador retraído, que nada diz de si, esse constituindo um dos objetivos principais deste artigo. Nesse viés, apontamos para a possibilidade de entrever o *ethos* machadiano das cartas numa espécie de tensão entre um narrador ficcional e uma determinada retórica que apontaria para o que há de protocolar, de formal, de socialmente aceito nas escritas da época. Assim sendo, a pose retórica já entrevista – compreendida aqui como um regulador das práticas de escritas em geral e não apenas das práticas epistolares – parece tensionar-se com determinada imagem autoral passível de ser correlacionada com aspectos da própria ficção machadiana. Estamos, portanto, muito próximos da observação da construção deliberada de um determinado *ethos* machadiano que poderia iluminar, ou ser iluminado, pelo *ethos* machadiano encontrado em sua obra ficcional, hipótese para a qual apontamos, sem ter a pretensão de comprová-la cabalmente.

---

<sup>41</sup> Idem. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975 [1874], p. 108.

Dessa forma, observamos de que maneira, como entreviu Ribas, o “narrador-personagem [Brás Cubas] encontraria projeção na correspondência”,<sup>42</sup> constituindo uma ficção epistolar que programaticamente se quer ocultadora de dados íntimos. Dizendo de outro modo, Machado remetente seria não o Machado pessoa física, mas já um narrador, operador de um *ethos*<sup>43</sup> dissimulado, oblíquo, que diz não dizendo, que se oculta através de uma retórica socialmente propagada. Estaríamos diante de uma escrita que se conforma a determinadas regras de escrita para construir um discurso socialmente referendado que acaba por constituir uma máscara, uma *persona*,<sup>44</sup> solapando a figura do autor como garantia da obra, de maneira similar ao que se operou com o uso da figura do defunto autor nas obras ficcionais.

Assim, entreveríamos a possibilidade de pensar a existência de um narrador machadiano presente nas missivas, havendo uma aproximação possível entre o *ethos* construído pelas missivas de Machado, que se furta a tomar partido, que não oferece dados relevantes sobre si, que, enfim, se abstém, sendo impossível ir ao encaixe de sua figura e o narrador ficcional volúvel, não confiável. Tal narrador volúvel, amplamente discutido pela fortuna crítica, é visível em diversas obras do autor: escondendo-se por trás de defuntos autores a fim de não garantir a significação da obra problematiza tanto o lugar ficcional de enunciação da narrativa como o seu relato, ao introduzir o impossível espaço do além-túmulo e o filtro da memória, tal como em *Memórias póstumas de Brás Cubas*; instaurando a dúvida no leitor, tal como o narrador de *Dom Casmurro*, a fim de não colocar o ponto final, não julgar as personagens e o enredo, deixando a significação em suspenso; misturando sua voz às de suas personagens, num manejo muito próximo de um discurso indireto livre, como em *Quincas Borba*; lançando mão do recurso ficcional do manuscrito encontrado, problematizando os limites entre autor ficcional, editor ficcional, narrador-Aires e personagem-Aires, em *Esau e Jacob*.

Sem querer novamente trazer a tona o já amplamente discutido absentismo machadiano, que se mostraria facilmente identificável nessa atitude de reserva que o autor assume em suas missivas, queremos ver esse aspecto como um dado construído ficcionalmente, como sendo parte de um *ethos* produzido textualmente pela enunciação de um narrador, que se avizinharia do *ethos* decorrente dos narradores oblíquos e dissimulados que podemos ler em sua obra ficcional, operado em tensão com determinada retórica dos oitocentos.

Acerca dessa aproximação possível entre cartas e discurso ficcional, no que tange ao caso machadiano, alguns críticos acenaram brevemente para a existência de um contato entre a *persona*, a máscara ou a autorrepresentação presente nas missivas e o narrador dos romances, contos e crônicas, tal como entrevemos nas citações já aventadas de Hélio de Seixas Guimarães e Maria Cristina Ribas. Esses críticos aproximam a forma oblíqua de narrar, consagrada no capítulo das negativas de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ao procedimento estilístico presente na correspondência, apontando para o fato de a correspondência gerar não um reflexo direto do eu, mas a construção da representação de uma *persona*, de cuja imagem depreendemos determinado *ethos* enunciativo.

No caso, a construção dessa *persona* aparece-nos transpassada por alguns aspectos discursivos, como a contenção linguística, a denegação e o apagamento das expansões do eu, como se o sujeito enunciador das missivas quisesse elidir-se nas linhas das cartas. Assim, é recorrente nas missivas machadianas essa tentativa de

<sup>42</sup> RIBAS, M. C. C. Op. cit., p. 44.

<sup>43</sup> Quando falamos em *ethos*, resgatamos o termo da retórica aristotélica revisitado pelas teorias mais modernas, na esteira dos trabalhos de Dominique Maingueneau (Cf. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo, Martins Fontes, 2001).

<sup>44</sup> Ao falar neste trabalho em *persona*, remetemos tanto às acepções comumente propaladas, de “imagem com que uma pessoa se apresenta em público” (Cf. Dicionário eletrônico Houaiss, verbete *persona*), que a aproximam da palavra *personagem* e nos permitem resgatar a ideia de *máscara*, através de sua acepção latina primeira (Cf. Dictionnaire électronique Le Petit Robert, verbete *personne*: “ÉTYM. fin XII<sup>e</sup>; du latin *persona*, d’abord ‘masque d’acteur’ puis ‘rôle’ et ‘caractère’, enfin ‘individu’, d’origine étrusque”), quanto às decorrências teóricas do termo tal qual expôs Luiz Costa Lima (*Persona e sujeito ficcional*. In: \_\_\_\_\_. *Dispersa demanda II*. Pensando nos trópicos. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 40-56).

ocultamento do eu, através da presença de expressões que procuram denotar a exclusão de confidências e solapar a presença da intimidade que configuraria uma representação do enunciador, tal como podemos contemplar nos excertos abaixo:

Acusas-me de pouco confiante em ti? Tens e não tens razão; confiante, sou; mas se te não contei nada é porque não valia a pena contar. A minha história passada do coração, resume-se em dois capítulos: um amor, não correspondido; outro, correspondido. Do primeiro nada tenho que dizer; do outro não me queixo; fui eu o primeiro a rompê-lo. Não me acuses por isso; há situações que se não prolongam sem sofrimento. Uma senhora de minha amizade obrigou-me, com os seus conselhos, a rasgar a página desse romance sombrio; fi-lo com dor, mas sem remorso. Eis tudo. [Carta a Carolina Xavier de Novais, 02-03-1869];<sup>45</sup>  
Não odeio o frio, adoro-o, este daqui, ao menos, que é apenas uma fresca e deliciosa primavera. Mas basta de calor e de mim [Carta a Magalhães de Azeredo, 14-01-1894];<sup>46</sup>  
Desculpe-me se conluo esta carta mais depressa do que quisera, mas cá me chama a tarefa do dia, e eu não quero perder o pacote. Seria demorar demais. Não há notícias de cá, a não ser políticas, mas todo o nosso papel é pouco para excluir tais cuidados, estando longe um do outro [Carta a Magalhães de Azeredo, 03-06-1899];<sup>47</sup>  
Daqui também não há muito que dizer, a não ser que muita gente se prepara para o Carnaval [Carta a José Veríssimo, 11-02-1904];<sup>48</sup>  
Recebi ontem de manhã a carta que me enviou em data de 30, dando-me notícias suas, pessoais e de família. As minhas são as de costume [Carta a José Veríssimo, 04-10-1904];<sup>49</sup>  
Eu tenho passado sem novidade. Agora estou bastante cansado, particularmente do pescoço, que me dói, visto que ontem gastei todo o dia curvado a trabalhar em casa [Carta a Mário de Alencar, 26-12-1906].<sup>50</sup>

Vemos, nesses exemplos e em toda a correspondência, que o eu se furta a aparecer, a se expandir num relato de si, contraindo-se numa escrita sintética, escondendo-se atrás de bilhetes rápidos e cartas lacunares que não trazem novidade, dizem o que o outro espera e reiteram o que o interlocutor lhe dissera na troca epistolar anterior, repisando o discurso alheio. Além disso, a escrita machadiana volta-se repetidamente para si mesma, numa reflexividade que busca a todo o momento reiterar a contenção da escrita, que não quer desenvolver determinados assuntos ou que não pode expandir-se, como observamos a seguir:

---

<sup>45</sup> ASSIS, M. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo I – 1860-1869*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; ABL, 2008, p. 258-9.

<sup>46</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo III – 1890-1900*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011, p. 33.

<sup>47</sup> Ibidem, p. 376.

<sup>48</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo IV – 1901-1904*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012, p. 250.

<sup>49</sup> Ibidem, p. 294.

<sup>50</sup> Idem. *Epistolário. Obra Completa de Machado de Assis. Vol. III*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, p. 1077.

Daqui não tenho nada que lhe dizer que não saiba pelos jornais. Diz-se que o seu ministro pediu demissão, e citam-se nomes de substitutos, entre eles o do Henrique Cavalcanti, que é um bom rapaz; rapaz, entenda-se, do meu tempo. Entretanto, por ora, não há nada [Carta a Magalhães de Azeredo, 02-04-1895];<sup>51</sup>

Volta ao cargo, volta à cidade eterna, e, para maior satisfação, volta sem o seu Badaró, que foi dispensado. Não me pergunte se merece tantas fortunas; é certo que sim, e não continuo este capítulo para não vexá-lo [Carta a Magalhães de Azeredo, 10-01-1898];<sup>52</sup>

Por aqui nada há que mereça ser contado, salvo um caso de conspiração ou tentativa, mas as nossas cartas não tratam de política [Carta a Magalhães de Azeredo, 19-03-1900];<sup>53</sup>

Vá desculpando estas palavras emendadas; é obra da pressa e da velhice. Não falo em doença para o não enfadar ainda uma vez com esta desculpa, mas a velhice fica [Carta a José Veríssimo, 17-03-1903];<sup>54</sup>

A sua carta chegou aqui comigo, e mal entrei no Hotel Engert, onde estou, era-me ela entregue. Não quero dizer que viesse antes de escrita, mas que eu não vim sábado, como supunha, e só ontem, quarta-feira, pude fazer viagem, tudo por causa da parede dos carroceiros e cocheiros. Não entro em pormenores que já enfadaram [Carta a José Veríssimo, 14-01-1904];<sup>55</sup>

Estes meus últimos dias têm sido de enfado e naturalmente não é assunto que procure o papel [Carta a Mário de Alencar, 18-03-1907].<sup>56</sup>

Nesse sentido, ao sublinhar o que não dirá em suas cartas, Machado acaba por reiterar a contenção de sua escrita, apontando insistentemente para o que falta, para o que fica não-dito, para a limitação material que suas missivas adquirem na extensão diminuída, aspecto que lhe é a todo o momento imputado pelos seus correspondentes, queixosos de seu silêncio, numa insistência que aponta para o paradoxo de o autor querer desculpar-se ao reiteradamente apontar a falha, justificando-se seja pela falta de tempo, seja pela restrição do trabalho, da doença, da pressa ou da urgência em levar a carta ao correio, como se vê a seguir:

Escrevo-te à pressa, à última hora, e por isso me dispensarás se te não digo uma série de coisas que há sempre que dizer entre bons amigos que se não falam há muito [Carta a Salvador de Mendonça, 08-19-1877];<sup>57</sup>

Há cerca de um mês que esta carta devesse ter seguido, mas o propósito em que estava de escrever uma longa carta foi retardando a resposta à sua, e daí a demora. “Valha a desculpa, se não vale o canto.” E o canto aqui não vale muito, porque afinal vai uma

<sup>51</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo III – 1890-1900*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011, p. 73.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 286.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 460.

<sup>54</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo IV – 1901-1904*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012, p. 177.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 238.

<sup>56</sup> Idem. *Epistolário. Obra Completa de Machado de Assis. Vol. III*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, p. 1079.

<sup>57</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo II – 1870-1889*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. 135.

carta mínima, como vê, não querendo prolongar estes adiamentos [Carta a Joaquim Nabuco, 29-05-1882];<sup>58</sup>

A carta é pequena, e vê que não me falta papel para fazê-la maior; o tempo é que é escasso. Assim, para não perder esta mala, acabo aqui mesmo, e vou já levá-la [Carta a Magalhães de Azeredo, 25-12-1898];<sup>59</sup>

[...] a visita aparecerá atrás da carta, mas para o caso de falhar a primeira, aqui vai a segunda. É curta, porque o Gabinete está cheio de gente e a mesa de papel [Carta a José Veríssimo, 05-01-1900];<sup>60</sup>

Esta resposta vai demorada, porque a sua carta veio achar-me com um princípio de gripe que continua [Carta a Mário de Alencar, 07-03-1907];<sup>61</sup>

A garganta está no mesmo ou um pouco mais dolorida. Vou aplicar o bochecho que me diz. Não escrevo mais por causa dos olhos [Carta a Mário de Alencar, 08-1908].<sup>62</sup>

No entanto, notamos nesses exemplos e também ao longo de toda a correspondência que, ao insistentemente desculpar-se, ao reiteradamente dizer que não abordará determinados assuntos, Machado acaba por deixar passar na entrelinha do não-dito, da inferência, aquilo que ele afirma não dizer, relatando alguns fatos, ou espectros de fatos, de maneira epigramática e lacunar. Essa forma oblíqua mostra um discurso afirmativo através de uma denegação, aspecto observado nos casos citados abaixo:

Pode ser que a esta hora esteja acabada a Ode a Virgílio. Venha ela e as mais que lhe inspirar essa terra abençoada. Fala-me em lá ir; não sei se me será ainda possível isto, mas creio que não. Agora, a minha terra abençoada é outra, e, para não aborrecê-lo deixo de a nomear, mas já adivinhou qual seja [Carta a Magalhães de Azeredo, 12-03-1899];<sup>63</sup>

Começo a desconfiar que se está vingando das minhas faltas relativamente a esta correspondência. Com efeito, tenho sido menos assíduo, e a razão já lhe foi dada duas vezes. Não a repito, para não cansá-lo, mas uma coisa pondero que o há de persuadir bem. Quando os prazos de silêncio se alongam muito, parece-me que as cartas devem ser mais compridas, e entro a esperar uma boa ocasião; naturalmente o prazo cresce mais. O melhor, meu caro amigo, é ir dando cartas pequenas; sempre são notícias, e, como sei que preza as minhas, sempre serão acolhidas com prazer [Carta a Magalhães de Azeredo, 28-07-1899];<sup>64</sup>

Há de ir-me achando um pouco mais demorado nas minhas cartas – e não lhe dou a explicação da demora, para não repetir o que estará cansado de ler [Carta a Magalhães de Azeredo, 19-03-1900].<sup>65</sup>

<sup>58</sup> Ibidem, p. 223.

<sup>59</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo III – 1890-1900*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011, p. 342.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 447.

<sup>61</sup> Idem. *Epistolário. Obra Completa de Machado de Assis. Vol. III*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, p. 1078.

<sup>62</sup> Ibidem, p. 1092.

<sup>63</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo III – 1890-1900*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011, p. 363.

<sup>64</sup> Ibidem, p. 393.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 459.

Assim, notamos que o narrador das cartas machadianas, apesar de retrair-se, de reiteradamente dizer que não abordará determinados temas, entre o mais recorrentemente negado a política, vai afirmar pela negação e construir um discurso em cima de negativas. Tal aspecto é visto quando Machado não somente afirma pela denegação, mas também traça um rápido esboço do assunto que ele acabara de refutar, trazendo uma lista sucinta de informações que não dizem muito, mas introduzem a matéria, mostrando que há, nas missivas, certo “dizer não dizendo”, como se vê nos trechos abaixo:

Da guerra não há nada. O Caxias deve estar a esta hora no exército; do Rio Grande vai marchar, graças ao Caxias, um exército comandado pelo Osório, e acompanhado por todos os chefes dali, o Canabarro, o Jacuí, Ourives etc. O exército consta de 10 a 12 mil homens [Carta a Quintino Bocaiuva, 25-11-1866];<sup>66</sup>

Não lhe falo das festas do Guilherme Ferrero, porque os jornais lhas terão contado. Foram só horas, mas vivas. Quatro da Academia fomos recebê-lo a bordo e mostrar-lhe e à senhora uma parte da cidade, e o Rio Branco ofereceu-lhes um jantar em Itamarati [...] [Carta a Joaquim Nabuco, 07-07-1907].<sup>67</sup>

Desse modo, apesar de parecer querer ocultar-se, vemos que esse discurso oblíquo acaba por construir uma *persona*, um *ethos* retraído, que pouco diz de si ou de assuntos caros a sua época – tais como questões políticas –, numa autorrepresentação que busca justamente solapar o rosto daquele que fala, mostrando que “a apurada consciência da autorrepresentação traz à carta a percepção das camadas que solapam o rosto”.<sup>68</sup> Ao mesmo tempo, Machado jogaria com as regras retóricas para construir um narrador obtuso, que afirma de forma oblíqua, sem colocar-se como garantia de seu enunciado, sem referendar sua narração. Colocar-se sob a égide das regras epistolares e das práticas de escrita da época não é apenas conformar-se à retórica de seu tempo, mas é dá-las como naturalizadas e ao mesmo tempo problematizá-las, elidindo-se: é intentar operar nas missivas o mesmo apagamento do autor operado na ficção por meio do recurso ao defunto autor. É deixar que a escrita livre, descolada de sua origem, transite livremente, se reproduza de *per si* e se faça corpo no outro, no interlocutor, no leitor, para quem apenas a escritura é que basta: “A obra em si mesma é tudo”.<sup>69</sup>

Ao operar um mascaramento em sua correspondência, Machado aponta não apenas um solapamento do rosto, amplamente presente em sua obra ficcional, mas a própria inexistência de rosto por trás da máscara, conforme adverte Abel Baptista,<sup>70</sup> apontando para a irremediável morte do autor, na medida em que o discurso não se mostra mais capaz de revelar ou apontar para nenhuma essência, para nenhuma subjetividade singular ou sujeito empírico operando como controlador e garantia da significação do discurso, presente por trás da autorrepresentação ficcional. Tal como Mallarmé desenvolveu suas cartas formais multiplicando os “gestes qu’on dit symboliques, parce qu’ils jouent de façon toute formelle la possibilité d’un rapport, en laissant ce rapport

<sup>66</sup> Idem. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo I – 1860-1869*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; ABL, 2008, p. 191.

<sup>67</sup> Idem. *Epistolário. Obra Completa de Machado de Assis. Vol. III*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, p. 1083.

<sup>68</sup> MORAES, M. A.. Op. cit., p. 95.

<sup>69</sup> ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975 [1881], p. 98.

<sup>70</sup> “E então, ao mesmo tempo que se faz depender Machado de Brás Cubas, ilude-se a operação ao apresentá-la ‘mascarada’ de operação de desmascaramento. Mas não se ilude o risco maior: o de encontrar não o verdadeiro rosto, mas uma ficção de verdadeiro rosto, ou, pior ainda, o risco de delimitar um rosto supondo-o verdadeiro, sem, no entanto, conseguir suprimir a suspeita de que talvez não seja senão uma ficção de verdadeiro rosto. Numa palavra, o risco de ter de aceitar que *a distinção entre o rosto e a máscara constitui a verdadeira máscara*, para a qual não poderá existir um rosto último capaz de sustentar a vertigem das máscaras, dos disfarces ou das caretas” (BAPTISTA, A. B. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 127-8).

vide de tout 'contenu', de toute expression discursive engageant dans la singularité un sujet, une personne",<sup>71</sup> Machado permitiu que suas cartas também formais apontassem para a enunciação de um discurso operado por um enunciador que não é mais capaz de falar de si sem esvaziar seu enunciado de sentido, sem a inclusão da repetição.

Não é de se espantar que, a fim de não falar de si, o narrador das missivas machadianas desenvolva uma narrativa em lamúrias que se tornam um meio de fazer que a escrita se opere sozinha, reencontrando a repetição dos males que constrói o discurso do já-dito e que deixa o próprio corpo falar. Corpo morto, evidentemente: obra de um defunto autor já corroído pelos vermes.

### Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975 [1874].
- \_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo I – 1860-1869*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; ABL, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo II – 1870-1889*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo III – 1890-1900*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo IV – 1901-1904*. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.
- \_\_\_\_\_. Epistolário. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa de Machado de Assis. Vol. III*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, p. 1025-1094.
- \_\_\_\_\_. *Helena*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977 [1876].
- \_\_\_\_\_. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975 [1881].
- BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- BARTHES, Roland. La mort de l'auteur. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes. Tome III*. Paris: Seuil, 2002 [1968], p. 40-5.
- \_\_\_\_\_. *Le degré zéro de l'écriture, suivi de Nouveaux essais critiques*. Paris: Seuil, 1953, 1972.
- BOAVENTURA, Cristina Tiradentes. Machado de Assis e José Veríssimo: aspectos da correspondência entre o escritor e o crítico. In: *Teresa. Revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 8-9, p. 101-117, 2008.
- CANDIDO, Antonio. Nota inicial. In: ASSIS, Machado de. *Empréstimo de ouro: cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Org. Eduardo F. Coutinho e Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009, p. 11.
- CARDOSO, Marília Rothier. Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis. In: *O eixo e a roda. Revista de literatura brasileira*, Belo Horizonte, v. 4, p. 59-70, 1985.
- EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: \_\_\_\_\_. *Livro involuntário: literatura, história, matéria e modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993, p. 207-221.
- FARIA, João Roberto. Alencar e Machado: breve diálogo epistolar. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 129-136.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Novas faces de uma figura prismática. In: *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 397-402, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v26n76/34.pdf>>. Acesso em: 09 abr 2013.

---

<sup>71</sup> KAUFMANN, V. Op. cit., p. 88.

- \_\_\_\_\_. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin, Edusp, 2004.
- KAUFMANN, Vincent. *L'équivoque épistolaire*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.
- LIMA, Luiz Costa. Persona e sujeito ficcional. In: \_\_\_\_\_. *Dispersa demanda II: pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 40-56.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- MALATIAN, Teresa. Diplomacia e Letras na Correspondência Acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima. In: *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 377-92, 1999. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2102/1241>>. Acesso em 09: abr 2013.
- MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em Linha*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 88-111, 2011. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero07/num07artigo06.pdf>>. Acesso em: 04 fev 2013.
- NEVES, Luiz Felipe Baeta. Para uma teoria da carta. In: \_\_\_\_\_. *As máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p. 191-195.
- RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; 7 Letras, 2008.
- ROQUETTE, Pe. José Ignácio. *Novo secretário português ou Código epistolar*. Paris: Aillaud, Monlon et cie, 1860 [1846].
- WERNECK, Maria Helena. Cartas não são para rasgar: a força criadora nas formas da intimidade. In: \_\_\_\_\_. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996, p. 231-237.
- \_\_\_\_\_. "Veja como ando grego, meu amigo." Os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 137-145.
- ZILBERMAN, Regina. Privacidade exposta. In: *Teresa. Revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 8-9, p. 84-100, 2008.